

A RELIGIÃO E O PENSAMENTO MODERNO NA OBRA *ECLIPSE DE DEUS*, DE MARTIN BUBER

*THE RELIGION AND MODERN THOUGHT IN THE WORK GOD'S
ECLIPSE BY MARTIN BUBER*

Angelo Fernandes Baratella¹

Gabriel Dellandrea²

Hugo Câmara dos Santos³

Marcos Schwengber⁴

Tiago Gomes Elias⁵

RESUMO

O presente trabalho quer apresentar o Tema da Religião e o Pensamento Moderno, na Obra *Eclipse de Deus*, de Martin Buber. O pensamento do filósofo judeu é caracterizado pela lógica da relação Eu-Tu, no que diz respeito ao relacionamento humano. Quanto mais o Eu e o Tu estiverem unidos, numa relação de reciprocidade, melhor chegam à sua essência. Esse processo também é considerado por Buber em questões de fé, pois o Eu, se aberto e disposto à acolhida, pode também relacionar-se com um Tu Divino e Absoluto. Aí acontece a experiência religiosa. Também relacionado ao assunto deste artigo está o pensamento sartreano, heideggeriano e junguiano acerca da filosofia da religião, da fenomenologia existencialista e da psicologia da religião, altamente criticados por Buber, pois o pensamento moderno quer racionalizar toda a experiência religiosa do ser humano. Por isso, Buber defende em seu pensamento, na Obra supracitada, que a relação do Eu humano com o Tu Divino ultrapassa os limites da razão.

Palavras-chave: Buber. Religião. Modernidade.

¹ Bacharel em Filosofia pela FAE Centro universitário. *E-mail:* angelobaratella@yahoo.com.br

² Bacharel em Filosofia pela FAE Centro universitário.
E-mail: frgabriel.dallandrea@yahoo.com.br

³ Bacharel em Filosofia pela FAE Centro universitário. *E-mail:* hugocdosantos@gmail.com

⁴ Bacharel em Filosofia pela FAE Centro universitário. *E-mail:* freischwengber@gmail.com

⁵ Bacharel em Filosofia pela FAE Centro universitário. *E-mail:* tiago.elias@gmail.com

ABSTRACT

The present issue wants to present the Theme of Religion and Modern Thought in Martin Buber's *Eclipse of God*. The thinking of the Jewish philosopher is characterized by the logic of the I-You relationship, with respect to human relationship. The more the I and the You are united in a reciprocal relationship, the better they come to their essence. This process is also considered by Buber in matters of faith. For the I, if open and willing to welcome, can also relate to a Divine and Absolute You. Then there is religious experience. Also related to the subject of this article is the Sartrean, Heideggerian and Jungian thinking about the philosophy of religion, existentialist phenomenology and the psychology of religion, highly criticized by Buber. For modern thought wants to rationalize the whole religious experience of the human being. Hence, Buber argues in his thinking, in the above-mentioned Work, that the relation of the human self to the Divine You goes beyond the limits of reason.

Keywords: Buber. Religion. Modernity.

INTRODUÇÃO

Nas páginas dos manuais de filosofia, pode-se encontrar a vida de Martin Buber (1878 – 1965) resumida nas seguintes palavras: filósofo judeu de língua alemã, precursor da reflexão sobre o outro no pensamento contemporâneo. Sua formação também consta do título de *honoris causa* em Direito Hebreu, Letras, Teologia, Humanidades e Filosofia. Durante sua vida dedicou-se a trabalhos acadêmicos, bem como a atividades de promoção de diálogo religioso e educador (HUISMAN, 2001, p. 174)

Permaneceu na Alemanha de Hitler até 1938 quando emigrou para Israel. Ao desenvolver sua filosofia, ele abriu-se a uma reflexão que forneceu “uma resposta indireta, de um modo concreto para dar sequência à interrogação adornoiana sobre a possibilidade de fazer filosofia depois de Auschwitz” (GALANTINO, 2003, p. 111).

Filosofar acerca da realidade do encontro com o outro na célebre fórmula “Eu-Tu” é uma das características buberianas. A sua atenção está voltada para a concretude do homem cotidiano, com suas experiências, desencontros e encontros. Entretanto, essa possibilidade de o ser humano vivenciar e abrir-se a uma experiência com o outro no *hic et nunc* também pode acontecer com a fé. Segundo Buber, “fé não é nenhum sentimento da alma humana, e sim a entrada do homem na realidade – na realidade inteira, sem cortes nem abreviações. Trata-se de uma constatação simples, mas que vai de encontro aos hábitos do pensamento” (BUBER, 2007, p. 7 – 8).

Logo na introdução de sua obra *Eclipse de Deus*, o filósofo judeu afirma que essa fé não repousa tão somente diante do “Deus dos filósofos”, mas sim o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, a quem podemos chamar de “Tu”, afirma Buber (2007, p. 10). Esse Deus, continua Buber no prefácio, pode até ter recebido ao longo da história muitas interpretações e esta palavra, carregada de significados, segundo ele, pode até ter caído por terra. Sua “fama” na modernidade seria de um Deus manchado e rasgado, que foi utilizado pelos homens para a realização até mesmo de maldades e enganos.

Pela relação entre religião e ética deve haver uma nova consciência no ser humano para despertá-lo: precisa-se, com toda a força da alma, deixar a confusão do condicionado com o Absoluto. O falso Absoluto tem fronteiras e limitações na vida do Eu e do Tu. É preciso uma força especial capaz de apreender a manifestação do Absoluto que nunca desaparece; é preciso um humanismo ontológico; é preciso realizar o divino no mundo, tornar possível a teofania, ultrapassando todo dogmatismo

objetivante das religiões estabelecidas pela religiosidade, e tornar o mundo e as relações éticas e responsáveis. “O homem não é então somente o fim ético de uma doutrina ontológica, mas o começo desta doutrina e de todo o pensamento ulterior”. Nas atitudes humanas (como a palavra, a alteridade, a reciprocidade) encontramos a raiz e o fundamento da ontologia do face a face. Buber denuncia o misticismo tradicional que nega o Eu e a realidade que lhe é essencial na relação. Do mesmo modo, nega qualquer imagem de Deus que desvirtue a ética e a responsabilidade no relacionamento humano. (SOUZA, 2011, p. 14)

A relação entre a ética e a religião é uma das centralidades da filosofia buberiana, conforme visto anteriormente. Nesse contexto, na obra *Eclipse de Deus*, o autor demonstra a relação de como a história da religião, partindo dos primórdios da filosofia até a contemporaneidade, e lida com a questão Deus. Assim, acompanhando essa trajetória, o filósofo percebe que a atualidade vive um período de eclipse de Deus. Essa metáfora significa dizer que parece que a realidade do Absoluto não se faz mais pura abertura de captação, mas permanece escondida. Entretanto, se numa ocasião o sol é impedido de ser visto pela lua, nas circunstâncias que se seguem, esse sol torna a brilhar pois a permanência total do fenômeno do eclipse não existe.

A palavra Deus então impele em Buber a certeza de que o eclipse pode ser parte de uma experiência na história, porém sua proposta é: “Não podemos lavar a palavra ‘Deus’, nem podemos consertá-la, mas podemos reerguê-la, manchada e rasgada como está, levantá-la do chão e erguê-la nas horas de grande preocupação” (BUBER, 2007, p. 13). Somente assim o Deus “Tu”, vivo entre os homens, não como instrumento nas mãos humanas, mas ele sendo “Aquele que é” (Ex 3,14), será capaz de ser alimento para uma ética do encontro com o Absoluto e com o Outro.

Sendo assim, no capítulo “Religião e Pensamento Moderno”, na obra supracitada, o filósofo coloca como questão central que “meu assunto será unicamente o pensamento moderno na medida em que atribui a si próprio a tarefa de decidir se e em quais condições, ou dentro de quais limites, deve ser atribuído à religião um caráter de realidade humana (BUBER, 2007, p. 61).

Para concretizar sua empreitada, como desmembramento da questão, o autor utilizou de dois julgamentos. O primeiro deles dá-se na análise da vertente do existencialismo de Heidegger e Sartre, onde impera um sentido ontológico da questão religião no pensamento moderno. Já numa outra análise, Buber ocupa-se

com a Teoria do Inconsciente de C. G. Jung, que abrange um sentido psicológico do problema supracitado. “Essas atitudes fundamentam-se na concepção de que o evoluir da crise que a religião atravessa dependeria, essencialmente, das opções tomadas pelo pensamento moderno, tanto o ontológico como o psicológico” (BUBER, 2007, p. 61). Analisar-se-á nessa lavra, portanto, as duas e procurar-se-á evidenciar a resposta de Buber para tal problema enquanto pesquisa.

1 A CRÍTICA DE BUBER ACERCA DA FILOSOFIA DA RELIGIÃO DE SARTRE

Jean-Paul Sartre nasceu em 21 de junho de 1905, em Paris. Passou pelas grandes guerras mundiais. Foi prisioneiro em campos de guerra na Alemanha em 1940. Essas guerras começaram pela Europa e tiveram nesta o principal território de combates. Então o período da vida de Sartre foi, para o mundo, um período de crises, conturbações, violências e guerras.

De 1933 a 1934 viveu em Berlim, para estudar a Fenomenologia e o Existencialismo⁶ de Husserl, Heidegger, Jaspers e Scheller.

No livro “Eclipse de Deus”, no capítulo que se refere à religião e ao pensamento moderno, Martin Buber escreve acerca da maneira de Sartre conceber a realidade religiosa em seu tempo. “Sartre considera a palavra, ou melhor, o grito de Nietzsche, ‘Deus está morto!’, uma afirmação válida a respeito de uma situação concreta” (BUBER, 2007, p. 62).

Desse modo, não se trata de uma discussão se Deus existe ou não, mas que ele está morto. Ou seja, “ele nos falou e agora se cala; o que ainda tocamos é apenas seu cadáver” (SARTRE apud BUBER, 2007, p. 62). Com essa frase, Sartre quer demonstrar que antigamente Deus falava a seu povo e hoje, ou, pelo menos em seu tempo, não se ouve relatos semelhantes. Por isso ele conclui que Deus está morto, pois não fala mais a seu povo como outrora.

Contudo, Buber leva-nos a uma reflexão de que o Deus ao qual Sartre se refere é um Deus que, como na Bíblia, se revela. Porém, ao passo que se revela, também se esconde. E este seria o tempo atual vivido pelo povo.

⁶ O termo existencialismo não foi criado por Sartre, mas é decorrente de sua filosofia, mesmo que tenha se “inspirado” em Heidegger, Descartes e outros filósofos. Para o existencialismo, o homem é o ser que tem consciência do mundo e que está no mundo, como diz Bornheim: “Há, portanto, um ponto de partida que é a consciência. Mas a consciência não é fechada em si própria, visto que o homem é ser-no-mundo; e o ser-no-mundo não encontra seu fundamento na reflexividade ou na *res cogitans*, já que ele se estabelece num plano pré-reflexivo. Isso implica, por sua vez, a preeminência absoluta do existir” (2005, p. 19).

Procuremos imaginar o que significa viver na época de tal escondimento, de tal silêncio divino, e talvez possamos tirar experiências bem diferentes sobre o que daí resulta para nossa própria existência, bem diferentes do que Sartre nos que ensinar. (BUBER, 2007, p. 63)

Com isso, Sartre quer criticar as pessoas que afirmam possuir um Deus onipotente que define tudo, ou pré-define. Ademais, ele afirma que é necessário que o homem seja livre e não dependa de um Deus, ou seja, o homem deve deixar de lado Deus e buscar sua própria autonomia e liberdade, através de suas escolhas. Sartre entende que as ações humanas não são predeterminadas de antemão, seja por Deus, destino, sociedade ou constituição genética. Mas é na própria vivência que o homem forma/constrói a sua essência.

Assim, a essência é aquilo que o homem é depois que nasce. De antemão não é nada, mas aquilo que é, só ele pode decidir a partir do momento em que nasce e faz uso da sua liberdade, à qual é condenado. Em outras palavras, para Sartre a essência é liberdade de escolha. Porém, Buber assegura que esta visão de Sartre é muito subjetiva, muito “para si”, de modo que o outro, em uma relação, torna-se objeto.

Entrementes, Deus não pode ser objeto do sujeito, ainda mais se levar em consideração que Deus não fala mais ao homem. Todavia, se Deus não fala mais ao homem, a pergunta deve ser invertida: ao invés de perguntar o que aconteceu com Deus, deve-se perguntar o que aconteceu com o homem? “Se o homem não consegue mais chegar a essa relação com Deus, se Deus não lhe fala mais, nem ele a Deus, então aconteceu alguma coisa, não na subjetividade humana, mas em seu próprio ser” (BUBER, 2007, p. 65).

A tarefa agora é “sair em busca de uma nova mudança existencial no ser, em busca do acontecimento em que a palavra entre o céu e a terra volte a se tornar audível, para além da própria morte” (BUBER, 2007, p. 65). Sartre rejeita essa ligação do homem a Deus, a qual ele chama de “necessidade religiosa”.

Com esse silêncio de Deus de Sartre, o homem “finalmente está livre ou ele é sua própria liberdade, a ele compete determinar os valores” (BUBER, 2007, p. 66). Se Deus era quem determinava os valores e agora Deus não determina mais nada, relata Sartre: “então tem de haver alguém para inventar os valores [...]. A vida não tem mais nenhum sentido *a priori* [...] depende de ti dar-lhe um sentido, e o valor não é outra coisa senão esse sentido que escolheste” (SARTRE apud BUBER, 2007, p. 66-67).

Contudo, não se trata de um sentido qualquer aqui. Segundo Buber (2007, p. 67),

Um sentido ou um valor só pode ser acreditado ou aceito, posto como luz para orientar a própria vida, quando é achado, não inventado; só pode ser para mim um sentido que decifra, um valor que orienta, quando se me tornou manifesto em meu encontro com o ser, não quando eu escolhi livremente entre as minhas possibilidades existentes, talvez combinando-o com outros quaisquer: de agora em diante isso terá de ser válido.

Entretanto, isso é decorrente da visão parcial de Sartre, pois ele partiu apenas de um lado, afirmando que o silêncio é divino, esquecendo-se de que a questão poderia estar em quem ouve e não em quem fala – Deus. A partir daí, se não há essa relação entre homem e Deus, também não há relação sujeito-objeto, “pois um Deus de quem eu sou objeto sem que ele o seja para mim nada significa para mim” (BUBER, 2007, p. 66).

Numa relação para Sartre, sempre um é sujeito e outro é objeto, ou seja, numa relação sou sujeito para mim e objeto para o outro e, ao mesmo em que o outro é sujeito dele, sou objeto para ele. Buber, em contraposição

essa conclusão tornou-se possível a Sartre porque ele viu como relação primária e exclusiva entre dois seres a relação sujeito-objeto, sem perceber a relação original e decisiva entre Eu e Tu, diante da qual a relação sujeito-objeto é apenas uma relação organizativa (BUBER, 2007, p. 66).

Destarte, na relação Deus-homem, não há relação sujeito-objeto, e nem se a relação fosse inversa, porque Deus não pode ser objeto do homem. Assim, a relação é sempre Eu e Tu, como relação de ente e ser. É sempre uma relação original, aquela que volta a sua essência, fenomenologicamente.

2 VISÃO DA FILOSOFIA DE MARTIN BUBER EM RELAÇÃO AO PENSAMENTO DE HEIDEGGER

Segundo Heidegger (apud BUBER, 2007), nossa época é a era em que vigora a carência de Deus. A falta de Deus se caracteriza na falta da palavra Deus, que saiu de voga. Não se ouve mais falar nEle e então é presente a sua falta. Segundo Heidegger (apud BUBER, 2007), a palavra não falta porque falta Deus e Deus não falta, pois, falta a palavra. Porém, ambos faltam. Pois, a questão de Deus está atrelada à questão

do ser. De acordo com Heidegger, o fenômeno religioso desaparece e reaparece pela evidência do ser no homem.

O homem de fato não pode fugir do ser, está clara para Heidegger na busca religiosa a questão do ser. Na visão e filosofia cristã, o ser é Deus, destacando Buber (2007), Mestre Eckhart: o ser é Deus – pois Deus está acima do ser e do entre.

Heidegger (apud BUBER, 2007) tem outro posicionamento, não tão discordante, mas um pouco diferente: o ser não é Deus, como não é nenhuma razão do mundo. Com isso, Heidegger não está tão distante de Eckhart. Ele mudou as palavras, mas Deus ou o Ser, é designado como não ente e acima de tudo o que se possa dizer. Deus é o ser e o ser é Deus. E Este que É, nada é daquilo que se pode dizer.

No entanto, o Ser é o que é mais próximo do homem, segundo a Bíblia de Jerusalém (2010). Nele nós temos a Vida, o Movimento e o Ser. Ou seja, é o ser a base e o que proporciona o ser do ente, o homem. O homem tem a existência do ser e nele que ele é aquilo que é. Por isso, o ser é o que mais próximo está do ente, o ser é o que mais próximo é do homem, pois é o ser que faz o ente ser ente. Porém, da mesma forma de sua proximidade é a sua inacessibilidade. De fato, o ser não é nada do que o homem conhece, por ser aquilo que dá a conhecer.

Fica então a questão: se o ser não é um ente, como podemos conhecê-lo? Digamos assim, é preciso que o ser se entifique – é mais o menos o que dirá Buber.

Esta, digamos, “entificação” está totalmente fora da ossada do ente. Isso não está em sua competência e nem na sua liberdade. Isso é puramente exclusivo do ser. Está na liberdade do ser e não do ente. Assim, o ente não tem poder sobre o ser. Por isso, Heidegger dirá que o divino depende do destino do ser. Pela filosofia de Buber, esse Ser é aquele Tu Absoluto. O Absoluto é um Tu, e isso quer dizer que não está na mão do eu. O Eu é livre, mas essa liberdade não determina o Tu. Se quiser o Tu, terá que se relacionar com Ele e ficar na dependência da sua resposta.

A questão é, que, para Buber, religião é relação de um Eu com o Tu. E isso é diferencial entre religião e magia. Pois se domino o sagrado e digo o que ele dirá a mim, isso não é mais Deus, mas sim uma força que tenho em domínio e que posso explorar segundo um determinado conhecimento.

Sem relação, religião é magia. O Eu está na dependência do Tu.

Quando propomos entificação, não se está falando de mudar a natureza do ser, mas que ele seja acessível ao ente. Só no mundo do ente o ente pode ter acesso ao ser. Pelo ente, o ente tem acesso ao ser e assim no entificável é conduzido ao que

não é entificável. Porém, o ser dá liberdade ao ente. O ente é aquilo que é e o ser não quer interferir.

O ser vem ao homem a partir de si e o faz o homem, o ente ser a partir de si. Essa seria a relação do ser com o ente. O homem busca o ser e o ser busca o ente, pois o ser se coloca na dependência do ente. O que quer dizer que o Eu é totalmente livre do Tu, apesar de só o ser por causa do Tu. Ele é puramente aquilo que é sem influências.

O Tu também fica na dependência do eu, se vai querer vê-lo ou não.

O Eu é totalmente livre na manifestação ou ocultação divina. Se Deus lhe aparece, correspondendo os seus anseios, ele é livre de aceitar ou fugir do seu encontro; se, por outro lado, ele se vela, ele também é livre se vai querer continuar buscando ou esperando a sua revelação.

Parecendo importante para Buber, a questão de frisar a liberdade dos dois pontos da relação com o sagrado, o do Eu, o ser humano, e de Deus, o Tu Absoluto. A questão da distância do ser e do ente; do Eu e do Tu só se poderá efetivar uma aproximação pela coincidência da opção de ambos. De fato, o Eu só pode ser livre por causa do Tu, mas o Tu o fez livre e isso quer dizer que o Tu lhe deu independência sobre si para encontrá-lo e ser encontrado segundo essa liberdade que está na mão do ente. Desse modo, o ente na liberdade de encontrar o ser deve decidir, mas nunca excluirá o ser, pois é evidente o ser naquilo que o ente é. A liberdade do ente é liberdade frente ao ser. A liberdade do eu é liberdade frente ao Tu.

3 BUBER E A VISÃO RELIGIOSA DE JUNG

Buber investiga o que Jung tem a dizer acerca da religião, visto que o psicanalista tem uma apurada e nova ideia do que seja o fenômeno Religião.

Jung observa e constata que o ser religioso é nato no homem e nenhum indivíduo poderá fugir disso, pois está marcado em seu gene, corre em suas veias e busca por transcender, por sempre ir além de suas medidas. O homem confronta-se consigo mesmo, com o mundo e tudo o que interage com ele.

A religião, para Jung, é de extrema importância para o processo de individuação, pois a busca que o homem faz todos os dias por se superar leva-o a cada vez mais ser ele mesmo diante de cada situação. Muito Jung auxiliou, mirando o homem religioso e o processo de superação, de complexos, de realização de seus sonhos, bem como de perspectivas que vão além de tudo o que é material e efêmero. Jung foi um psicanalista sem igual, e, pois, um *plus* na religião.

Contudo, Buber faz uma sensata crítica a Jung, porque para ele a religião é nata ao homem no sentido cerebral e disso o homem está inclinado a ter de lidar com a religião mesmo não a aceitando. E se concordar por fazer ele mesmo essa busca religiosa o ajudará a individuar-se cada vez mais consigo e seu mundo – ora a crítica de Buber a Jung está justamente nisso, pois para Buber não são meros nervos cerebrais que causaram no homem o impulso religioso, porém muito mais que isso. O homem religioso é toda a sua inteireza e vivência no mundo em que vive. Não jaz no seu gene apenas mais, a priori o homem é religioso porque ele pode se apropriar de tudo a sua volta, e tem de se haver ele com cada momento. Buber observa a religião como relacionamento, este que brota da experiência do homem com a deidade.

O Eu e o Tu que se entrelaçam e tornam o homem cada vez mais e de novo ele mesmo, apropriando-se e realizando-se. No fundo, o processo do homem religioso – “aquele” de Agostinho, que entra na busca do *religare*... que procura fora algo que ele deve resolver com ele mesmo e no fim encontra em si, no seu íntimo, é o que Buber quer mostrar o que seja esse fenômeno que os homens experimentam por séculos ao redor do mundo.

Religião como profundo encontro do Eu e o Tu, donde na vivência com o outro quanto mais afinado o homem interior, mais afinado estará com tudo a sua volta, religando tudo, todas as coisas com ele, pois nele estão as coisas e as coisas com ele estão e se relacionam, levando o homem ao pelo diálogo que o faz sempre mais abrir ao seu mundo e o mundo que está fora de si.

E no *imago dei* de Jung cabe falar aqui é esta grande abertura de possibilidade que o homem se depara diante do mundo que todo o tempo o faz confrontar-se, bem como o faz optar por religar-se, ou desligar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ponderações de Martin Buber, compreende-se que o pensamento moderno possui uma característica de atribuir a si mesmo a decisão e condições que são próprias da religião enquanto caráter de realidade humana.

No capítulo V da obra *Eclipse de Deus*, Buber inicia a reflexão sobre a religião e o pensamento moderno, apontando a célebre frase escrita por Nietzsche na obra *Assim falava Zarathustra*: “Deus está morto!”. Nota-se que a apresentação das ideias de Buber é dada na contraposição de três filósofos modernos, sendo: Sartre (1905 – 1980); Heidegger (1889 – 1976) e Jung (1875 – 1961), como um diálogo que o filósofo pretende

entre o pensamento dos filósofos destacados e sua própria filosofia. Um capítulo aborda a filosofia existencialista ateísta de Sartre, a fenomenologia existencialista de Heidegger e a psicologia da religião de Jung com considerações sobre a religião e o pensamento moderno.

Para Buber, a partir da filosofia do Eu e Tu, a religião e o pensamento moderno não compreendem as limitações humanas – por vezes, o pensamento moderno quer explicar, ou melhor, racionalizar a relação entre o homem e o divino. Contudo, na relação do eu e tu, percebe-se que a revelação sobre Deus, ultrapassa a decisão humana de perceber a Deus.

Somos atingidos pelo Tu (Deus) sem uma explicação racional. Vejamos que o pensamento que mais se aproxima do autor da obra é o pensamento de Heidegger, quando descreve: “Deus precisa do homem livre, como parceiro de diálogo, como companheiro de trabalho, como aquele que o ama; Deus precisa dele, ou quer precisar dele” (BUBER, 2007, p. 72).

Enfim, Martin Buber pretende apontar as nuances na compreensão do Deus, a partir de três escolas diferentes do pensamento moderno. Visto a escola filosófica existencialista fenomenológica de Heidegger com maior aproximação do pensamento do autor, quando descreve sobre o diálogo entre o eu e o divino, que Buber compreende como relação do Eu e Tu.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, G. A. **Sartre**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção debates n° 36, Filosofia).

BUBER, M. **Eclipse de Deus**. Campinas: Verus, 2007.

GALANTINO, N. **Dizer o homem hoje**. São Paulo: Paulus, 2003.

HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: M. Fontes, 2001

SOUZA, V. C. de. A religião do encontro: a ética de Martin Buber. **Revista Theos**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 1-17, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistatheos.com.br/Artigos/05%20Vitor.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2016.